



A resistência do impresso na era da virtualidade

Priscilla Guerra Guimarães BERNARDES¹

TUZZO, Simone Antoniaci. **Os sentidos do impresso**. Prefácio de Derrick de Kerckhove. Goiânia. UFG/FIC/2016. 240p.

Os sentidos do impresso são explorados de modo minucioso e atual neste livro, que apresenta um ângulo analítico dos jornais impressos, tensionando-os com a realidade dos meios digitais. A obra é uma evolução investigativa sobre opinião pública calçada nas lógicas do jornal impresso dentro do panorama contemporâneo, executado pela professora Dra. Simone Antoniaci Tuzzo. Trata-se ainda do quinto volume da coleção *Rupturas metodológicas para uma leitura crítica da mídia*, desenvolvido pelos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás – UFG e Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Dentro desse projeto, uma série de investigações foi executada no Laboratório de Leitura Crítica da Mídia, aglutinando reflexões em trabalhos apresentados e publicados, na experiência de sala de aula e no próprio intercâmbio da autora, que se mudou para Portugal durante uma etapa da pesquisa para agregar mais propriedade ao olhar subjetivo desenvolvido. A elaboração das reflexões foi, assim, fruto de quatro anos de trabalho intensivo e dedicação às etapas sugeridas pelas próprias inquietações, desencadeadas ao longo do processo metodológico. A autora esclarece, logo na apresentação, que foi a partir desse processo cumulativo e gradativo de conhecimento e das próprias assimilações adquiridas em cada etapa que as questões foram se delineando e formando a rota do trabalho que compõe o livro.

Saindo da pergunta central sobre **qual o papel do jornal impresso em tempos de redes sociais e internet**, o trabalho caminha por averiguações qualitativas feitas no Brasil e em Portugal, com leitores, jornalistas e editores dos dois países, buscando não só responder a questão proposta como também compreender como tem se desenrolado a

¹ Priscilla Guerra Guimarães Bernardes é Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás – UFG - Brasil. Especialista em Marketing e Comunicação Digital pela Faculdade Cambury (2014). Formada em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO (2011). Aluna integrante do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma Leitura Crítica da Mídia, dos Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ e que integra a ação transversal nº 06/2011 - Casadinho/Procad. E-mail: priscillaguerra@hotmail.com.





relação entre o jornal impresso e a internet. Nesse teor, exploram-se em paralelo as possibilidades e versatilidades dos aparatos tecnológicos e digitais e como a tradicionalidade dos jornais impressos tem sido mantida à custa da adaptação, credibilidade e da manutenção de particularidades inerentes ao meio.

Derrick de Kerkchove (2016), discípulo indelével de Marshall McLuhan e referência mundial na abordagem tecnológica, prefacia a obra, chancelando as propostas inseridas e corroborando as diversas conceituações e conclusões do estudo realizado por Tuzzo. Segundo ele, o estudo apresentado na obra se insere no vértice de convergência das principais pesquisas feitas sobre mídia nos últimos tempos em todo o mundo, as quais são, inclusive, mencionadas e relacionadas ao conteúdo proposto no livro. Além disso, o pensador canadense grifa a validade da teoria inovadora que emerge das ideias de Tuzzo, denominado-a de *impacto físico-sensorial*.

Para direcionar as pesquisas empíricas, os dois capítulos iniciais trazem uma extensa e completa revisão bibliográfica sobre os fundamentos teóricos contemplados no livro, incluindo opinião pública, líderes de opinião, jornalismo, comunicação, veículos impressos, cidadania etc. Ademais, a inclusão de toda rota histórica dos meios de comunicação, bem como a exibição da trajetória acadêmica das tantas teorias que envolvem a compreensão do jornalismo caracterizam a parte inicial da obra como uma autêntica enciclopédia de conteúdos bibliográficos jornalísticos.

Na parte teórica, é possível compreender o percurso acadêmico de autores reverenciados por Tuzzo, que apresenta aos leitores as bases conceituais para que possam acompanhar sua linha de raciocínio, indagações e proposições. O modo honesto de dividir com o leitor os preâmbulos de pensamento da autora na obra não apenas orienta quem está lendo, como permite uma revisitação de autores importantes da Comunicação e de suas contribuições.

A escrita clara e direta, característica forte de *Os sentidos do impresso*, é uma forma de traduzir a complexidade e uma possibilidade de integrar as teorias e formulações já estudadas na área. Dentro disso, torna-se nítido que a complexidade dos objetos pesquisados, anunciada no livro por meio do próprio *Paradigma da complexidade* (MORIN, 2005), restringe-se à temática do livro, não alcançando a linguagem absolutamente inteligível e didática adotada pela autora.

Entre as importantes considerações, merece ênfase dentro dessa composição bibliográfica a relação traçada pela autora para interligar os meios de comunicação



impresso com os digitais. As galáxias de Gutenberg e Marconi são vinculadas ao *bios* midiático trabalhado por Sodré (2012) e a proeminência de Bill Gates, em que, por meio do trocadilho (Bill e *bios*) se perscruta sobre a extensão dos *bios* que conduzem a comunicação em seu âmago evolutivo.

A questão dos sentidos, mais marcante em todo o livro (por isso intitulado a rigor), também perpassa a contextualização e o procedimento relacional sobressalente na obra. Tuzzo compara o hábito de ler o jornal impresso com a degustação de um vinho, que, como rezam os relatos romanos, eram tidos como bebida dos deuses desde sua origem, devido à aptidão de aguçar os cinco sentidos humanos. Segundo conta a autora, nos costumes de Roma, a bebida atingia o **paladar**, ao se provar o sabor; a **visão**, ao se reparar o bordô da bebida; o **tato**, ao se tocar a taça; e o **olfato**, ao se sentir sua essência. Para que se completassem os cinco sentidos, o hábito de tilintar taças foi incorporado, para que a **audição** se fizesse presente, garantindo, assim, o *status* autêntico de bebida celestial.

Nessa vertente, ao estudar o jornal impresso, a autora percebeu, primeiramente no Brasil e posteriormente reforçado nas pesquisas em Portugal, que a questão dos sentidos aflorou diante dos leitores que justificavam o hábito fiel de ler o veículo aos sentidos encontrados. Muitos relatavam sentir prazer no toque do papel (**tato**), gostavam da formatação gráfica (**visão**), do folhear das páginas (**audição**), do cheiro do jornal (**olfato**) e para completar os cinco sentidos, apreciavam a associação entre a leitura do jornal e a degustação de uma xícara de café (**paladar**). Dentro dessa lógica, Tuzzo observa que o elo estabelecido entre leitores com o jornal firma-se muito mais na relação sensorial e na forma com que o veículo se apresenta do que meramente por conteúdos. Nesse sentido, ainda que as notícias sejam disponibilizadas gratuitamente nas redes sociais, o laço cativo com o impresso se mantém e atravessa gerações.

No território lusitano, além da sensorialidade, também aflorou o papel social do jornal impresso que compõe o cotidiano dos portugueses. Majoritária parte dos pesquisados relataram que o leem durante o café da manhã em cafeterias e esplanadas e, a partir do conteúdo lido nos impressos, tecem conversas e interações, utilizando, dessa forma, o veículo como fonte de assuntos para os debates coletivos. O português, ao que transpareceu na pesquisa, não só escolhe os meios impressos devido à preferência sensorial que despertam, mas o faz porque aprecia conversar sobre aquilo que lê. Para a autora, inclusive, ler jornal é um ato coletivo, mesmo quando feito de forma individual.



Apesar de findada a pesquisa, o livro termina sem propor uma conclusão, um desfecho e um “fim”. As ricas ponderações da pesquisadora dimensionam o questionamento sobre o verdadeiro rumo do jornalismo impresso, seu potencial como formador de opinião pública e a convivência com as novas mídias aventadas. Longe de fazer previsões sobre o futuro e para além da credibilidade já reconhecida e apontada em trabalhos anteriores, o livro pontua sobre a permanência dos veículos impressos por uma ótica mais crítica, em que se esmiúça o impacto efetivo causado pelas transformações no jornalismo e se mostra, por fim, a continuidade da teoria de McLuhan de que o meio, com todas as suas características, é mesmo a mensagem.

Referências

KERCKHOVE, Derrick de. Prefácio. In: TUZZO, Simone Antoniaci. **Os sentidos do impresso**. Coleção Rupturas metodológicas para uma leitura crítica da mídia, v. 5. Goiânia: Gráfica UFG, 2016, p. 25-46.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.